

Melhor que Dinheiro

Gary North

Tradução: Lucas G. Freire¹

E Pedro e João subiam juntos ao templo à hora da oração, a nona. E era trazido um homem que desde o ventre de sua mãe era coxo, o qual todos os dias punham à porta do templo, chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam. O qual, vendo a Pedro e a João que iam entrando no templo, pediu que lhe dessem uma esmola. E Pedro, com João, fitando os olhos nele, disse: Olha para nós. E olhou para eles, esperando receber deles alguma coisa. E disse Pedro: Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda. E, tomando-o pela mão direita, o levantou, e logo os seus pés e artelhos se firmaram (Atos 3:1-7, Almeida Corrigida Fiel).

O princípio teocêntrico aqui é Deus como o agente de cura ao longo da história.

Autenticação

Esta passagem é famosa devido à tradução da Almeida Revista e Atualizada: “não possuo nem prata nem ouro”. Esses dois apóstolos, que historicamente se tornaram os mais conhecidos dentre os doze, eram os administradores dos fundos da igreja de Jerusalém, mas não estavam carregando dinheiro. Não tinham posses para compartilhar com o mendigo COXO.

O modo como esse homem foi curado mostrou-se ideal para que o evangelho se espalhasse. Foi durante a hora de oração pública: a hora nona, ou melhor, três da tarde. Foi a mesma hora em que Jesus morreu na cruz (Lc. 23:44). Os apóstolos tinham acabado de sair do templo. O mendigo tinha um canto onde ficava sempre, à porta do templo. Era bem conhecido, ao menos de vista. Pode-se dizer que ele fazia parte do panorama. Era mais conhecido pelos habitantes locais do que os apóstolos eram. Assim, após ter sido curado, a notícia rapidamente se espalhou.

Aquele homem não sabia quem eram aqueles apóstolos. “E Pedro, com João, fitando os olhos nele, disse: Olha para nós. E olhou para eles, esperando receber deles alguma coisa”. Ele não os associou a Jesus, que havia operado diversos atos milagrosos de cura. Ele não era um membro da igreja. Pedro, então, proclama: “Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda”.

¹ E-mail para contato: lgfreire@gmail.com.

O nome de Jesus era bem conhecido. Ele era o criminoso que tinha sido crucificado no lugar de Barrabás (Jo. 18:40). Pedro se associa ao nome de Jesus através dessa invocação. A cura subsequente exaltou o nome de Cristo.

Esse acontecimento rapidamente se fez conhecido. “E, saltando ele, pôs-se em pé, e andou, e entrou com eles no templo, andando, e saltando, e louvando a Deus. E todo o povo o viu andar e louvar a Deus; E conheciam-no, pois era ele o que se assentava a pedir esmola à porta Formosa do templo; e ficaram cheios de pasmo e assombro, pelo que lhe acontecera” (At. 3:8-10). Isso foi o ponto de partida para o segundo sermão público de Pedro.

E quando Pedro viu isto, disse ao povo: Homens israelitas, por que vos maravilhais disto? Ou, por que olhais tanto para nós, como se por nossa própria virtude ou santidade fizéssemos andar este homem? O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou a seu filho Jesus, a quem vós entregastes e perante a face de Pilatos negastes, tendo ele determinado que fosse solto. Mas vós negastes o Santo e o Justo, e pedistes que se vos desse um homem homicida. E matastes o Príncipe da vida, ao qual Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas. E pela fé no seu nome fez o seu nome fortalecer a este que vedes e conheceis; sim, a fé que vem por ele, deu a este, na presença de todos vós, esta perfeita saúde. E agora, irmãos, eu sei que fizestes por ignorância, como também os vossos príncipes. Mas Deus assim cumpriu o que já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado; que o Cristo havia de padecer (At. 3:12-18).

Aqui, Pedro executa um julgamento pactual sobre Israel do antigo pacto. Esse sermão teria sido muito menos impressionante se ele não tivesse acabado de curar um coxo de nascença. A sanção positiva da cura autenticou, de uma maneira bastante considerável, a autoridade de Pedro para esse processo jurídico que anunciava sanções negativas. “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do SENHOR, e envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado. O qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio. Porque Moisés disse aos pais: O Senhor vosso Deus levantará de entre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser. E acontecerá que toda a alma que não escutar esse profeta será exterminada dentre o povo” (At. 3:19-23). Jesus possuiu a capacidade profética de curar. Agora, ela era de Pedro. O dever dos profetas era levar o julgamento pactual. Era isso que Pedro estava fazendo.

Uma doação de dinheiro não conseguiria o livramento permanente do coxo, nem teria proporcionado a Pedro a mesma autoridade que o ato de cura proporcionou. A própria pobreza de Pedro nesse caso acrescentou à sua autoridade. Ele não curou pessoa alguma em troca de dinheiro, mesmo considerando que uma pessoa com tamanho poder poderia facilmente acumular riquezas através da venda de seus serviços para ricos enfermos.

Pedro tinha apenas curado um mendigo que obviamente não lhe poderia pagar em retribuição. Fazendo assim, ele imitou a Cristo, que curou diversas pessoas pobres em nome de Deus o Pai, e que não aceitou pagamento mesmo daqueles que poderiam lhe oferecer.

A eficiência dessa abordagem na confrontação pública pode ser avaliada através de seu resultado. Em resposta a essa pregação, outros 5000 homens creram em Cristo (At. 4:4). Dessa forma, com apenas duas pregações, a igreja cresceu em 8000 pessoas. O primeiro sermão tinha sido acompanhado pelo milagre das línguas: cada ouvinte entendeu a mensagem no idioma local de sua respectiva região. O segundo sermão foi precedido por cura física. E foi ainda mais proveitoso.

A cura e o sermão que se seguiu a ela despertaram a ira dos saduceus, que tinham relação próxima com os que mandavam no templo. Eles forçaram Pedro e João a comparecerem ali. Pedro, então, lhes trouxe um julgamento factual. “Visto que hoje somos interrogados acerca do benefício feito a um homem enfermo, e do modo como foi curado, seja conhecido de vós todos, e de todo o povo de Israel, que em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, aquele a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, em nome desse é que este está aqui diante de vós. Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina. E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos” (At. 4:9-12). O termo grego traduzido aqui como “salvos” vem da mesma raiz que o termo “tornar inteiro”, “fazer pleno”. É utilizado duas vezes na passagem para o sentido de cura física. É usado da mesma forma em outras passagens do Novo Testamento. “Minha filha está moribunda; rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos, para que sare, e viva” (Mc. 5:23).

Pedro tinha curado um homem à vista de todos. Ele tinha, então, pregado um sermão acerca dos meios para a salvação pessoal. Ele utilizou uma restauração física para levar muitos homens à restauração espiritual. Quando foi confrontado pelas autoridades religiosas, ele utilizou a oportunidade para pregar-lhes também. E com o mesmo argumento: partindo da cura física para a cura espiritual.

Dinheiro como contra-producente

A origem da ajuda que Pedro deu ao mendigo transcendia o pagamento em dinheiro. Pedro não usou uma técnica de cura que estava disponível para a compra. Com efeito, qualquer tentativa de comprá-la colocaria a alma da pessoa em perigo. Foi essa a advertência de Pedro para Simão, o mágico que procurava comprar poder para emanar o Espírito Santo. “E Simão, vendo que pela imposição das mãos dos apóstolos era dado o Espírito Santo, lhes ofereceu dinheiro, dizendo: Dai-me também a mim esse poder, para que aquele sobre quem eu puser as mãos receba o Espírito Santo. Mas disse-lhe Pedro: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois cuidaste que o dom de

Deus se alcança por dinheiro” (At. 8:18-20).²

Se essa capacidade não pode ser comprada com dinheiro, então a bênção que vem dela também não pode ser vendida por dinheiro. Pedro podia ter comercializado o serviço de cura física, ao menos por certo tempo, mas, ao fazê-lo, ele não daria a glória a Cristo. Cristo enviou essa capacidade singular graciosamente para os apóstolos. Ele fez isso como um meio de autenticar a sua igreja, o seu reino e o seu novo pacto. Os milagres de cura foram planejados para chamar a atenção para os seus representantes e para a mensagem deles. A partir do momento em que Pedro curou o mendigo, ele teve um público instantâneo. Tal audiência jamais poderia ter sido comprada.

A presença de um pagamento em dinheiro sempre coloca uma dúvida na mente do comprador em potencial: “o que eu ganho em troca?” Se o pagamento trouxer, de fato, cura física, então, a resposta é suficiente. Uma troca de mercado que se completa finaliza a obrigação para ambas as partes. Todavia, a mensagem de Pedro não se restringia à cura física. De fato, ela só se relacionava de maneira secundária à cura física. A cura física simbolizava cura espiritual. O mesmo termo grego foi utilizado para ambas as formas de cura. Pedro estava pregando a necessidade de arrependimento para o ser humano. Arrependimento que se dá exclusivamente através da fé em Cristo e em sua expiação substitutiva na cruz. Essa mensagem utilizou uma validação, no começo, para que fosse aceita ao máximo. Uma das formas de validação foi exatamente a cura em público. Cristo já tinha indicado que seria assim.

E Jesus, vendo a fé deles, disse ao paralisado: Filho, tem bom ânimo, perdoados te são os teus pecados. E eis que alguns dos escribas diziam entre si: Ele blasfema. Mas Jesus, conhecendo os seus pensamentos, disse Por que pensais mal em vossos corações? Pois, qual é mais fácil? dizer: Perdoados te são os teus pecados; ou dizer: Levanta-te e anda? Ora, para que saibais que o Filho do homem tem na terra autoridade para perdoar pecados (disse então ao paralisado): Levanta-te, toma a tua cama, e vai para tua casa. E, levantando-se, foi para sua casa. E a multidão, vendo isto, maravilhou-se, e glorificou a Deus, que dera tal poder aos homens (Mt. 9:2-8).

Dinheiro e reciprocidade

Moeda é a mercadoria mais fácil de se comercializar. Ela se aplica ao mundo da reciprocidade e da troca. Mas a reciprocidade entre Deus e os homens não se baseia em pagamentos dos filhos de Adão para Deus, e sim, no pagamento representativo de um homem perfeitamente ético para Deus, feito de uma vez por todas. “Mas agora na consumação dos séculos uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo. E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo, assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação” (Hb. 9:26b-28).

² Ver cap.6 (“Coisas que o dinheiro não pode comprar”) do presente livro.

O uso de dinheiro implica uma série contínua de trocas. A moeda vale na transação hoje porque se espera que ela valha também amanhã. Em contraste, um ato sobrenatural de cura é um evento único. A pessoa curada espera manter-se curada. Jamais precisará de consultar um médico terreno novamente. Foi isso que Jesus quis dizer à mulher no poço: “Jesus respondeu, e disse-lhe: Qualquer que beber desta água tornará a ter sede; mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna” (Jo. 4:13-14).

Pedro não estava criando uma obrigação financeira por parte do mendigo. Ele estava elucidando uma obrigação espiritual. Essa obrigação já existia, independentemente da cura. Ela é uma dívida com Deus, por parte de todo filho de Adão. Mas a cura serviu de lembrete ao mendigo e a todos os demais que o viram depois, avisando que deviam adoração e ação de graças a Deus. Sempre há uma reciprocidade entre Deus e os homens. Começa com a graça de Deus aos homens. A graça precede a lei. O homem está sempre em dívida com Deus. A graça contínua de Deus, através de Cristo, é o que capacita ao homem pagar as suas dívidas, momento a momento. Deus toma a iniciativa. O homem responde em fé ou em rebelião. Pedro estava mostrando às pessoas como responder em fé.

Conclusão

O dom sobrenatural de poder curar implicava uma renúncia à aceitação de pagamento por essa cura. Pedro não tinha dinheiro. Era um homem pobre - um pobre homem com uma mensagem. Sua capacidade de curar era um dom gracioso de Deus. Os economistas definem “gracioso” como algo que é gratuito, sem custo. Um custo é a utilidade mais valiosa da qual se abre mão. Pedro não tinha aberto mão de coisa alguma para ganhar esse dom. Sua capacidade de curar pessoas enfermas também não custou para ser empregada. Ele estava abrindo mão de renda em dinheiro ao não cobrar dos beneficiados. Mas esse custo era superado amplamente pela despesa proibitiva que seria cobrar pelo benefício: ou a perda do dom, ou de sua alma, tal como foi avisado depois para Simão, o mágico. O benefício potencial da renda em dinheiro era, na verdade, um perigo potencial. Então, para Pedro, não custou nada curar o homem.

Esse dom era propriedade do reino de Deus. Quando usado em público, sempre atraía uma multidão. Validava publicamente a mensagem. Nesse sentido, a capacidade de curar era melhor que dinheiro, tanto para quem curava como para quem era curado.

Fonte: Capítulo 2 do excelente livro *Sacrifice and Dominion: an economic commentary on Acts*, de Gary North.